

HISTÓRIAS QUE **MARCAM**



**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS ALUNOS DO 1º ANO DO CURSO
TÉCNICO EM SISTEMAS DE ENERGIA RENOVÁVEL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO
CÂMPUS SÃO PAULO, 2023**

APRESENTAÇÃO

Tudo começou de um jeito muito espontâneo. Foi logo após trabalharmos com o gênero “relato de experiência vivida” em aulas de língua portuguesa do curso Técnico em Sistemas de Energia Renovável integrado ao Ensino Médio, no final do primeiro bimestre letivo de 2023.

Ler relatos de experiência produzidos pelos alunos nessa fase da vida (entre 15 e 16 anos) é sempre algo emocionante. Dessa vez, no entanto, a emoção tomou corpo. Transformou-se em livro, cuja alma é a identidade dessa turma: uma turma sensível, motivada, corajosa.

A ideia nasceu em sala de aula, e de imediato ganhou adesão. Formou-se uma comissão editorial, composta por alunos que se candidataram a assumir os papéis de revisores e ilustradores. Juntamente comigo e com os autores, a comissão iniciou a jornada de construção dessa obra singela e, em especial, simbólica da bela e forte transição da adolescência para o início da vida adulta. Tratou-se, enfim, de um momento para cada jovem se reconhecer nos textos, atribuir sentido às experiências vividas e dar os próximos passos rumo ao futuro.

A primeira fase do processo foi observar a construção de alguns exemplos de relatos de experiência vivida e discutir a relevância do gênero e sua função. Para facilitar a redação, alguns enunciados chave foram sugeridos a título de introdução e fechamento do texto. Os elementos centrais ficaram a critério de cada autor, assim como o conteúdo em si. A obrigatoriedade restringiu-se à utilização da primeira pessoa e do tipo textual narrativo e, evidentemente, ao relato de experiências consideradas valiosas para cada um.

O leitor verá que os textos não vêm acompanhados do nome de seu autor. Essa foi uma escolha da turma: exibir os nomes apenas no final. Quem conhece a sala, verá também que nem todos os alunos participaram. Tais escolhas foram respeitadas, porque sabemos que relatar experiências marcantes, nomeá-las e torná-las públicas não é algo fácil e pode não ser uma vivência desejada por todos. Outra escolha importante foi deixar a critério dos ilustradores registrar as imagens de modo livre, costurando os textos com sensibilidade.

As histórias que compõem esta obra são recheadas de momentos engraçados, momentos tristes, momentos de esperança, e mesmo de desesperança e frustração. Cada breve história aqui contada tem em comum com as demais o fato de trazer à tona um pedacinho importante da vida de cada um dos jovens participantes. Todas trazem acontecimentos que marcaram, trouxeram aprendizado e que podem servir de inspiração para muitos, já que na maioria dos casos há importantes exemplos de superação.

Boa leitura!

Profa. Tatiana Piccardi
Docente de Língua Portuguesa, IFSP-SPO

Prefácio

Agradecimentos

Textos dos alunos

1. MANU E ROCK
2. UMA PERDA GERA SENTIMENTOS
3. UMBIGO
4. A IMPORTÂNCIA DE UMA LIGAÇÃO
5. O EFEITO DA PANDEMIA NA MINHA VIDA
6. O REAL AMOR DE UMA MÃE
7. ESCOLHA SER FELIZ
8. HENRY
9. O DIA EM QUE EU APRENDI A OBEDECER MINHA MÃE
10. UM LIVRO LARANJA
11. O CONSELHO DA MINHA VIDA
12. MUDANÇAS
13. UMA ERA AUTODEPRECIATIVA
14. COMO A REGIÃO DO BRÁS QUASE ME FEZ ENLOUQUECER
15. VALE A PENA?
16. SUPERAÇÃO
17. MINHA APROVAÇÃO NO IFSP
18. UMA NOVA CHANCE
19. EM BUSCA DE UM INGRESSO
20. NO DIA SEGUINTE
21. SEPARAÇÃO FELIZ
22. NO MEU CORAÇÃO
23. A PRÁTICA LEVA À PERFEIÇÃO
24. SEREMOS SEMPRE OS MESMOS
25. ESCOLHAS
26. A SUPERAÇÃO DE UMA MULHER
27. TODOS PRECISAMOS DE AJUDA
28. PERSEVERANÇA
29. MOMENTOS
30. SEM SEQUELAS
31. MINHA INCRÍVEL JORNADA AO RIO DE JANEIRO
32. SEGUIR EM FRENTE É ESSENCIAL PARA UM FUTURO CERTO, MESMO QUANDO AS COISAS DÃO ERRADO
33. QUEM É VOCÊ?

Relação de autores e minibios

Comissão Editorial

Ilustradores

Projeto gráfico

PREFÁCIO

De repente, um livro!

Grata surpresa vivenciar um ano letivo com um primeiro ano diferenciado. A primeira turma do curso Técnico em Sistemas de Energia Renovável integrado ao Ensino Médio do IFSP-SPO (2023) apresenta nas próximas páginas o resultado de um trabalho que surpreende pela sua autenticidade e espontaneidade. São adolescentes que já demonstram estarem prontos para a maturidade, ao redigirem experiências marcantes ocorridas em suas vidas.

Confesso que fica ainda mais interessante e impactante quando conhecemos quem escreveu cada capítulo deste livro. Ao ler cada relato, sem ligá-lo ao autor, percebe-se um grito que tantos “Joãos e Marias” gostariam de dar para dizer ao mundo que “nós temos uma história para contar”.

Cada relato traz emoções que podem ser sentidas pela simplicidade da escrita. Trata-se de uma excelente leitura de cabeceira que, ao fecharmos os olhos, nos leva a refletir sobre quantos outros adolescentes passaram, ou estão passando, por experiências semelhantes e se sentem agraciados por tê-las superado.

Recomendo a leitura desta obra para todos os que convivem com adolescentes e precisam entender melhor o seu universo. É importante entender como eles cunham seus casos marcantes.

Prof. Hélio Fritz Kiessling
Coordenador do curso Técnico em Sistemas de Energia Renovável
Integrado ao Ensino Médio, IFSP-SPO

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, inicialmente, a nossas famílias e nossos amigos, que nos incentivam diariamente.

Agradecemos à nossa professora Tatiana Piccardi, por confiar que seríamos capazes de criar um livro a partir de nossos relatos e nos orientar na sua execução (do planejamento e montagem da obra até o evento de lançamento).

Agradecemos aos colegas e amigos de sala, que têm feito parte de nossa trajetória, e ao Instituto Federal de São Paulo e toda a sua equipe multidisciplinar, que nos têm aberto portas para novas oportunidades e têm nos permitido viver experiências incríveis!

Agradecemos, enfim, a todos os que colaboraram para a realização deste livro, em especial aos colegas que compuseram a comissão editorial e a equipe de ilustradores; ao prof. Fritz, por ter escrito o Prefácio; e à Eliane Piccardi, que generosamente fez o projeto gráfico.

E, é claro, não poderíamos deixar de agradecer aos nossos leitores. Afinal, sem o leitor, não existe livro!

Alunos e alunas do 1º ano do curso
Técnico em Sistemas de Energia Renovável
integrado ao Ensino Médio
IFSP-SPO

MANU E ROCK

Um dos fatos mais importantes que aconteceram na minha vida foi quando eu tinha onze anos e estava passando as férias na casa da minha avó, em Campinas.

Desde pequena sempre quis ter um cachorro, mas meus pais nunca deixaram. Meu sonho foi realizado quando meu tio Kaio anunciou que estava levando um filhote que achou na rua para a casa da vovó, onde eu estava. Era o vira-lata mais fofo que havia visto. Tinha apenas um mês de idade, pelagem marrom com caramelo, orelhas grandes, dentes afiados e era bem danado. Dei o nome de Rock, talvez por combinar com sua personalidade, mas eu não era roqueira.

Depois de um tempo em Campinas, voltamos para São Paulo. A mamãe não gostou nem um pouco da ideia de ter trazido um cachorro, mas ela teve que aceitar, já que não tinha mais volta.

A partir daquele dia minha vida mudou totalmente para melhor. Me tornei uma pessoa mais responsável, carinhosa e sociável. Aprendi muito com as pesquisas que fiz para saber cuidar de cachorro. Como era o primeiro animal que tive, precisava aprender tudo sobre sua saúde, comportamento, lazer e educação. Graças a essas pesquisas, o Rock tem uma vida saudável e feliz desde filhote.

Estamos há quatro anos juntos e diversão é o que não falta. Ele é um cachorro livre, sabe andar pelas ruas do bairro sozinho, nos fins de semana sempre vai para os churrascos dos vizinhos, moramos perto de uma represa, sempre que está calor ela vai lá nadar e comer peixe, é um grande caçador, entra nos matos e só sai depois de pegar sua presa. É conhecido por todos do bairro e muito querido pela família, amigos e vizinhos.

O Rock é mais que um simples cachorro, ele é meu melhor amigo, meu filho e meu companheiro em todas as aventuras. Agradeço por ter chegado na minha vida e me tornado alguém melhor. Espero que mais pessoas possam ter a oportunidade de viver uma experiência de amor e amizade com bichinhos, assim como eu tenho vivido.

UMA PERDA GERA ENSINAMENTOS

Um ocorrido marcante em minha vida ocorreu quando eu tinha nove anos. Trata-se de quando minha irmã saiu de casa.

Desde pequena eu sempre fui muito apegada a ela, nossa conexão era de outro mundo. Fazíamos tudo juntas. E, de certa forma, eu a via como um modelo, tanto como pessoa, quanto academicamente. Minha irmã é a filha mais velha, então sempre fez de tudo para me proteger e me aconselhar.

Com o passar do tempo, o ato de sair para festas se tornou frequente e, com isso, meu pai não estava gostando de suas atitudes. O que era compreensível, até porque ela estava chegando muito tarde e sendo influenciada pelos seus amigos no quesito de bebidas e coisas ilícitas. Consequentemente, meu pai e minha irmã começaram a ter muitas brigas e desentendimentos, até que um certo dia, quando os dois já estavam cansados de tudo isso, minha irmã saiu de casa.

Essa experiência me gerou um aprendizado muito importante: eu devo persistir em meus estudos, não ter “amizades” que não querem o meu bem-estar e, principalmente, dar ouvidos aos conselhos dos meus pais.

Hoje, quando me lembro deste ocorrido, agradeço pelo aprendizado e conto essa história a todos os que possam se beneficiar dela.

U M B I G O

Um dos acontecimentos mais importantes da minha vida ocorreu quando eu tinha nove anos de idade. Desde então, virei alguém completamente diferente.

Em 2017, tinha acabado de adotar um cachorro da raça beagle. Vivi em um apartamento pequeno a vida toda, portanto reconhecia que o espaço não era adequado para um cachorro cuja raça possuía a marcante característica de ser agitada. Apesar disso, em meio a minha própria imaturidade, implorei para que o cachorro fosse um beagle. Como o esperado, em poucas semanas o cachorro já começava a demonstrar sinais de estresse, porém também já tínhamos aprendido a amá-lo. Conforme o tempo passava, a situação parecia se agravar cada vez mais, e eu mesmo comecei a perceber que não desejava uma vida ruim para o meu cão.

Foi em dezembro de 2017, durante uma visita à minha avó, que recebi dos meus pais a proposta de enviar o cachorro a uma família do sítio, que cuidaria devidamente dele. Nesse momento, ponderei sobre o que era amar e como lidar com os sentimentos de profunda tristeza e solidão misturados ao afeto que tinha pelo cão. Despedir-me dele seria impossível, dada a distância. Congruentemente a isso, meus pais sabiam que eu não suportaria, de forma alguma, presenciar essa separação, logo o levaram para o sítio assim que me decidi.

Essa experiência me ensinou que amar também é saber a hora de dizer adeus a um amado, a fim de garantir que este seja feliz. Chorei por dias, mas sabia que meu cão estava alegre, e com isso em mente lentamente deixei de lamentar o ocorrido.

Sou grato por ter aprendido com essa experiência dado que, mesmo não sendo mais seu dono, vi que minha decisão afetou positivamente sua vida. Sempre me lembrarei de tudo o que vivi com ele. Afinal, nem por um momento, deixei de amá-lo, Chico.



LAILA DOMINGUES SIMÕES

A IMPORTÂNCIA DE UMA LIGAÇÃO

O relato que contarei aqui foi acontecimento muito marcante na minha vida, sendo ele o mais doloroso e triste entre outros. Contarei minha história com minha avó.

Desde antes do meu nascimento, eu sempre tive três avós, uma delas era de consideração, sendo avó de sangue somente da minha irmã por parte de mãe. Minha avó se chama Joana e o filho dela, Robson, tinha um relacionamento com minha mãe e desse relacionamento nasceu minha irmã mais velha. Minha avó e minha mãe eram melhores amigas, pois trabalhavam juntas e viviam mimando minha irmã.

Um tempo depois, Robson acaba vindo a falecer fazendo com que a ligação de amizade de minha mãe e minha avó se fortalecesse. Depois de um tempo, minha mãe acaba conhecendo meu pai, e os dois apaixonados se casam formando família, em que a vó Joana era a mãezona de todos.

Um belo dia minha mãe, que já desconfiava, descobriu que estava grávida de mim. Por eu não ser neto de sangue de minha avó Joana, minha mãe estava com medo de contar a notícia para ela. Mas minha irmã, que era uma moleca da língua solta, contou para a vó e ela pulou de alegria porque ela iria ter outro netinho.

Um tempo se passou e eu nasci e cresci visitando a casa da minha avó, que sempre que me via falava que eu era o filho dela quando era moleque. E sempre vivemos assim, como mãe e filho. Algum tempo se passou e chegamos ao ano de 2020, ano em que começou a pandemia do Coronavírus, fazendo com que eu não pudesse mais visitá-la em sua casa e por isso, para não nos afastarmos um do outro, nós diariamente nos falávamos por ligação, que era o único meio de me comunicar com ela. Minha vó fazia questão de que eu ligasse para ela todos os dias, por isso ela colocava créditos no meu número todo mês, e eu, com meus doze anos, viciado em jogos online, deixava de ligar para ela algumas vezes e isso a deixava muito triste, porém, eu não sabia.

Ficamos somente por ligação até 2022, quando a pandemia deu uma brecha para nos vermos. (Obs: minha avó tinha diversas doenças, mas as que mais a machucavam eram a doença de Chagas e a depressão). Assim pudemos matar a saudade que sentíamos. Mesmo podendo visitá-la, continuamos a nos falar por ligação até que no dia 18 de setembro do mesmo ano eu esqueci de ligar para falar com ela e no fim desse dia recebi uma ligação, não dela, e sim da vizinha, que era sua amiga, e ela me disse entre pausas e muito choro que minha avó tinha falecido.

Depois desse acontecimento, mudei totalmente meu modo de ser, pensando até em desistir de tudo, mas no fim só pensava nela e no que ela pensaria se eu desistisse de tudo. Enfim, aprendi da pior maneira a importância de um telefonema para uma das pessoas que amamos. Hoje sinto uma saudade imensa que nunca mais poderei matar, nem a visitando ou tão pouco ligando.

O EFEITO PANDEMIA NA MINHA VIDA

Um fato importante, que até hoje tem um grande impacto na minha vida, ocorreu quando eu tinha treze anos.

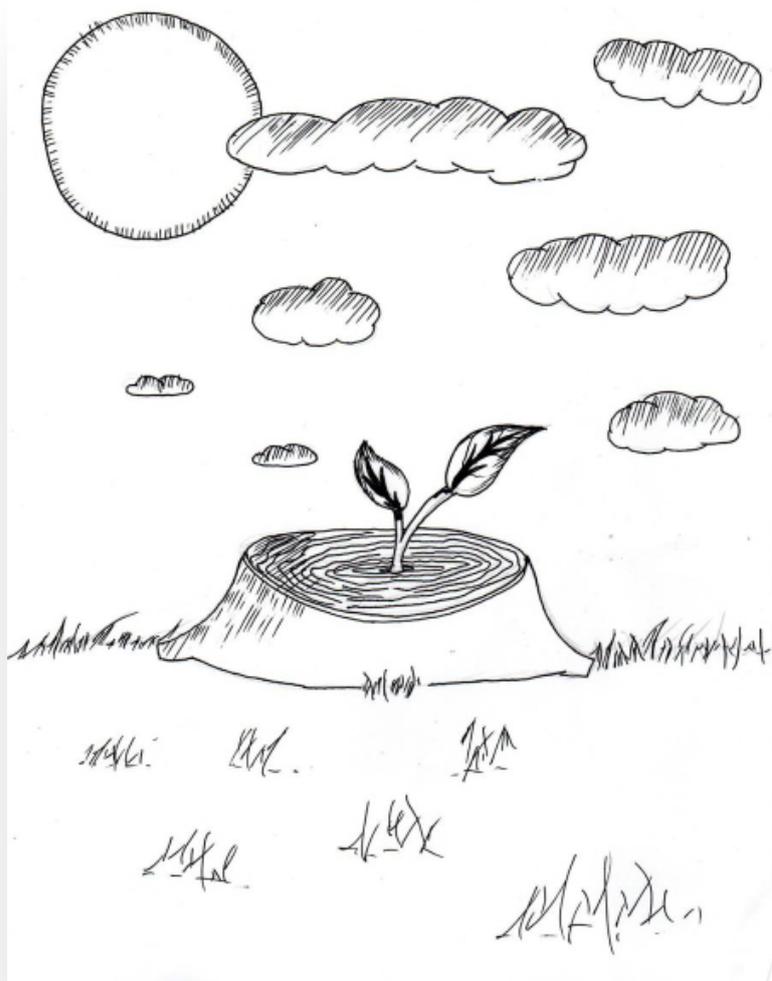
Tudo começou quando entrou a pandemia, e ninguém mais saía de casa. Eu sempre saí muito e ficava o dia todo com o pessoal do meu prédio, e por isso ficar em casa não era nada fácil.

A minha relação com meus pais piorou muito, porque eu não saía do quarto e raramente falava com eles. Chegou um momento em que a minha vida estava dentro de um celular.

Sempre falei muito com a minha mãe. No entanto, eu não conversava mais com ela e todo dia era uma discussão diferente. Nessa época eu comecei a me influenciar pelas pessoas que conhecia virtualmente e muitas das vezes eu mudava pra me encaixar.

Essa experiência me ensinou algo muito importante: eu não preciso mudar meu jeito de ser pra me encaixar em algum lugar, e meus pais são meus únicos amigos.

Hoje, quando lembro do ocorrido, agradeço pelo aprendizado e conto essa história a todos os que possam se beneficiar dela.



LAILA DOMINGUES SIMÕES

O REAL AMOR DE UMA MÃE

Este fato ocorreu quando eu tinha apenas nove anos, de nove para dez anos, para ser mais preciso. O relato que irei contar teve seu início em dezembro de 2016.

A morte da minha mãe ou a doença que ocasionou sua morte foi algo muito complicado para todos os familiares e principalmente para mim, que era seu filho. Nossa luta durou cerca de dois meses com transtornos psicológicos. Todos os dias íamos visitá-la. Eu, como era criança, não podia entrar por conta da restrição de idade. Porém, sempre que podia, ia só para me sentir mais próximo, mesmo não a vendo. Sua doença era em seus pulmões e rins. Porém nunca se cuidou, só gostava de ajudar o próximo e cuidar de seus filhos. Eu e meu irmão nunca demos o valor necessário a ela. Éramos jovens, muito mimados e imaturos. Ela sempre dizia: “Só me darão valor quando eu morrer”. E foi dito e feito. Só demos o valor quando ela não estava mais entre nós.

Tudo isso me fez refletir muito sobre minhas atitudes. Hoje o arrependimento bate à porta todos os dias, trazendo consigo a culpa por ela não ter se cuidado. Isso fez com que eu aprendesse a dar valor às pessoas que realmente me amam.

O amor que eu e meu irmão tínhamos por ela não era nem a metade do que ela sentia por nós, e nos demos conta disso muito tarde.

ESCOLHA SER FELIZ

Pouco tempo atrás comecei a não ligar para o que as pessoas pensam e falam sobre mim, sei da minha verdade, sou uma pessoa muito carinhosa e tento dar todo amor e atenção para os que estão ao meu redor, mas esse ano entrei no Instituto Federal e, por não querer me desfocar, acabo ficando distante de todos.

Ano passado conheci um garoto, senti uma conexão enorme e em pouquíssimo tempo um sentimento começou a surgir. Ele me conquistou aos pouquinhos com os mínimos detalhes que muitos dizem ser “brega”. Ele é incrível, também é carinhoso e nosso jeito combinou. Certo dia ele me falou que gostava de mim e que não tinha contado antes por medo de não ser correspondido, mas que não aguentava mais esconder. Eu o acalmei e lhe disse que era recíproco, ficamos juntos, mas sem rótulos.

Minha família já o conhecia e gostava dele, mas eu estava totalmente focada em estudar, pois fazia um curso para passar no vestibulinho e entrar no IF. Conversei com ele e disse que iria me afastar. Após um tempo afastada dele, percebi que não me concentrava de jeito nenhum, pois só pensava em nós. Conversei novamente, voltamos a ficar juntos e ele pediu a autorização de meus pais para namorarmos, mas meus pais disseram para que esperássemos mais um pouco porque só iriam deixar quando tivéssemos certeza de nossos sentimentos para não nos machucarmos.

O tempo foi passando e entre nós estava tudo bem, tudo perfeito, estávamos felizes como nunca, porém as provas do curso me deixavam nervosa e com medo de não passar no IF, mas ele sempre conseguia me acalmar, meu ponto de paz.

O dia da prova do IF chegou e eu estava muito ansiosa. Após realizar a prova, tive que me acalmar porque a lista de chamada só sairia no mês seguinte.

As férias estavam chegando e o dia da formatura também, fui escolhida para ser oradora da turma, eu estava tão feliz, mas foi aí que percebi que eu estava tão ansiosa com a futura entrada no IF, que esqueci que teria que me despedir de todos meus amigos e da vida que eu levei naquela escola. Eu cresci com as pessoas daquela escola e me afastar do nada me faria muito mal. Eu sabia que se eu passasse conheceria pessoas legais, mas eu também sabia que nenhuma turma chegaria perto do que construí com eles desde pequena. Tínhamos uma conexão tão linda, era um por todos e todos por um. Mesmo com medo, sabia que seria o melhor para o meu futuro abrir mão de ter meus amigos todos os dias, pois nossa amizade não acabaria só porque mudei de escola para correr atrás do meu sonho, obviamente nos afastamos um pouco, mas o amor que eu sinto por eles está intacto.

ESCOLHA SER FELIZ

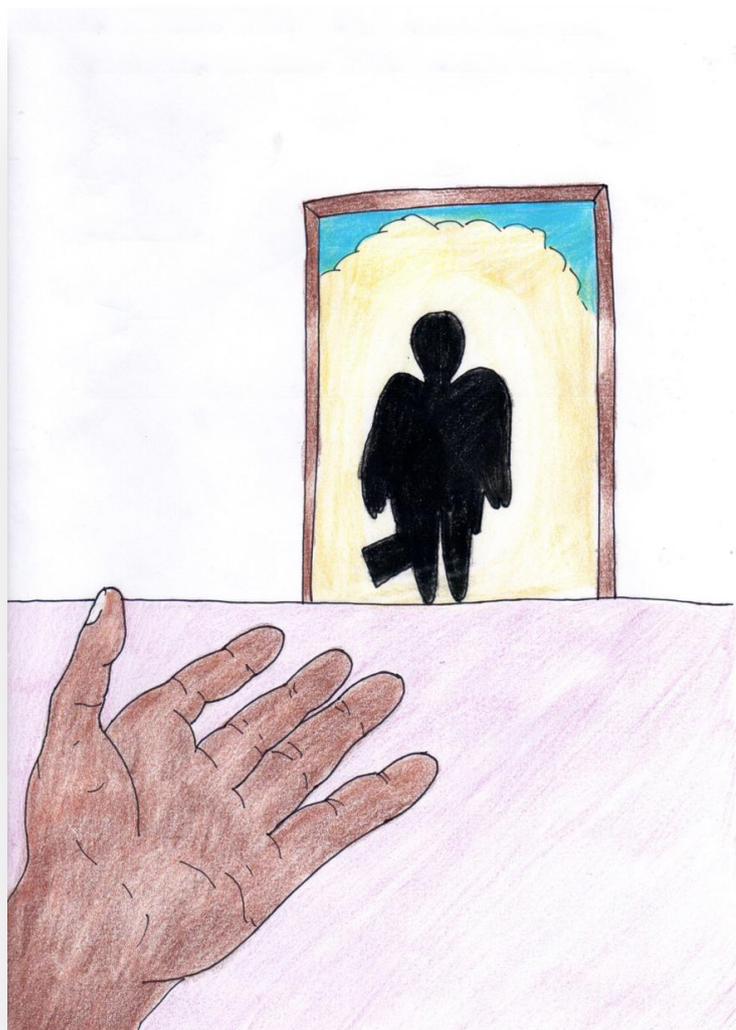
Entrei de férias e, como eu e minha família viajaríamos no dia seguinte, o meu quase namorado foi passar o dia comigo. Ele até chorou porque meu pai fez uma brincadeira falando que eu iria ficar na Paraíba com minha vó, eu expliquei que voltaria e ele relaxou. Nós nos falávamos todos os dias durante as férias, que inclusive foram férias incríveis.

Descobri que fui aprovada no IF em Minas Gerais quando estava no último dia de viagem. Não contei para ele na hora porque queria contar pessoalmente. Cheguei de viagem e no dia seguinte ele e um amigo meu passaram a noite em minha casa, levaram pizzas, brincamos e aproveitamos para matar a saudade. Ele acabou comentando que as pessoas ficavam falando que eu estava “traindo” ele para aproveitar a viagem. Ele acabou pensando muito nisso e ficou inseguro. Fiquei chateada por ele somente ter pensado nessa possibilidade, mas nós resolvemos. contei a ele que fui aprovada e ele ficou tão orgulhoso e feliz.

O primeiro dia de aula chegou e ele dormiu em casa nesse dia. Viu como eu estava feliz e com medo de não dar conta de tudo. Pouco tempo depois, comecei a fazer curso de espanhol, inglês e informática. Não tenho mais tempo para fazer tudo que eu fazia antes, nem mexo no celular com frequência. Eu estudo à tarde e ele de manhã, nossos horários não batem e aos finais de semana ele quase sempre trabalha. Isso nos afetou demais, várias pessoas começaram a inventar fofocas de que eu provavelmente já estava com outra pessoa na nova escola e que era por isso que eu não enviava mensagens com frequência. Ele acreditou, então acabei com tudo. Se ele não se acha bom o suficiente para ficar ao meu lado, não posso ficar provando isso toda hora, não quero alguém que tenha dúvidas dos meus sentimentos, mesmo após quase nove meses juntos. Ele quebrou a cara quando viu que as pessoas que colocaram isso na sua cabeça foram as mesmas que demonstraram interesse por mim logo após o “término”.

Por se preocupar com o que as pessoas pensavam, ele perdeu alguém que verdadeiramente o amava, na verdade ainda amo e vou amar para sempre, isso é uma promessa e, como costumávamos dizer, “promessa de dedão, porque a de dedinho quebra fácil”. Tenho esperança de que um dia ficaremos juntos novamente, mais maduros e estáveis.

Se ficarmos ligando para o que vão pensar, falar ou inventar nunca seremos felizes. Sempre vai ter alguém para julgar, então escolha ser feliz.



LAILA DOMINGUES SIMÕES

H E N R Y

18 de setembro de 2021, chá de revelação do nosso bebê. Naquele dia descobrimos seu nome, Henry, e quem diria o quão marcante esse nome seria. Eu tinha treze anos quando recebemos você em nossa família.

Com muito amor te recebemos desde a barriga, até que, quando menos esperávamos, descobrimos o problema com seu coração: transposição das veias maiores. Isso nos assustou muito, mas, por outro lado, você reaproximou nossa família, que, depois de um período de distanciamento, se uniu por você.

Foram oito longos meses, três paradas cardíacas, você parou o hospital, fez médicos com tantos anos de medicina estudarem. Quem diria que um bebê tão pequeno faria tanta bagunça assim. Henry, sempre tão forte, e no momento em que todos os médicos desacreditaram da sua força, você mostrou para que veio, retiraram os aparelhos da diálise e ali sim você mostrou o quão forte era.

Dia 2 de novembro de 2022, você recebeu sua alta, aquele dia nossa família ficou em êxtase, eu mesma quase desmaiei de tanto chorar com a sua chegada, foram fogos, muita comemoração e, principalmente, gratidão por ter nosso milagre em casa.

Essa experiência, além de me ensinar muito sobre valores, me ensinou também o que é amar incondicionalmente! Você veio para ensinar e fortificar.

O DIA EM QUE EU APRENDI A OBEDECER MINHA MÃE

Um fato importante ocorreu quando eu tinha nove anos. Todos os dias eu costumava, após acordar, assistir desenhos, comer e me arrumar para ir para a escola.

Em um certo dia, arrumando minha mochila, eu pensei “por que não pegar o celular da minha mãe e levar para a escola?”. Nessa época eu não tinha celular e isso fez com que despertasse esse desejo. Então fui executar meu plano. Peguei o celular, coloquei no bolsinho que tinha no caderno e fui guardar na minha mochila. Minha mãe percebeu algo estranho no caderno, um volume diferente, foi ver e lá estava o celular. Ela brigou comigo.

Passaram-se meses, eu ainda não tinha desistido da minha ideia, e lá fui eu novamente, mas dessa vez eu consegui. Eu estava feliz com o celular quando resolvi ir ao banheiro, e pedi para uma amiga segurar. Ela tinha o número do pai dela, que era caminhoneiro, e estava viajando. Ela ligou para ele do celular da minha mãe e disse que estava com muita dor de cabeça, com a intenção de que alguém fosse buscá-la na escola. Porém o pai ficou desesperado e achou que ela estivesse passando muito mal, ligou para a mãe dela, para a polícia e chamou uma ambulância. Enquanto isso, eu estava na sala pleníssima, sem saber que ela estava ligando para o seu pai, e então vieram nos chamar. A gente não entendeu, mas fomos para a diretoria. Lá me explicaram que minha amiga tinha ligado para seu pai, e ele acabou ligando para a polícia, ambulância etc. Chamaram minha mãe, ela brigou muito comigo. No fim não aconteceu nada com minha colega e eu me lasquei sozinha, fiquei de castigo por muito tempo e depois, em uma reunião de pais, a mãe da menina ainda brigou comigo. Para piorar o que já estava ruim, ela discutiu com minha mãe.

Essa experiência me ensinou a obedecer e ouvir minha mãe. Hoje, quando me lembro dessa história, agradeço por não ter ocorrido nada de mais sério comigo.

UM LIVRO LARANJA

Um fato importante na minha vida ocorreu quando eu tinha apenas doze anos de idade. Eu estava no sétimo ano, eu era muito quieto e tímido.

Nessa época eu não gostava das aulas de português, eu não fazia questão de entender a matéria, eu não gostava muito de ler. Minha professora queria passar um trabalho para nós, que era a leitura de um dos livros à nossa escolha que ela havia trazido para a aula. Precisávamos ler e após isso deveríamos resumir o livro e sua parte mais importante. Eu queria escolher o menor, só para não ter trabalho difícil. Chegando à mesa da professora, os demais alunos haviam pego os menores, fiquei frustrado. Entretanto, um livro me chamou atenção, um livro grande e laranja. Eu o achei muito bonito e decidi arriscar. Ainda estava se iniciando a pandemia e a escola colocou apenas uma semana de recesso, até que o recesso foi se alongando cada vez mais e nunca devolvi aquele livro. Eu, sem compromisso, comecei a ler e gostar de ler. Sua história é de ficção e drama.

Passados dias lendo, eu me sentia ótimo, o livro me ensinou o lado bom de ler, a minha mente voava nas palavras e nadava em pensamentos.

Todos que nunca leram um bom livro ainda têm muito o que aprender. Confesso que até hoje não terminei de ler porque sou preguiçoso, mas desde lá, sentado no sofá e lendo aquele livro, peguei o gosto pela leitura. É bom ler uma boa história. Toda vez que olho para a minha estante, vejo o livro laranja e lembro de sua história fantástica. Só não devolvi esse grande livro porque a professora mudou de escola e eu nunca mais a encontrei.



MEL AIMI MIYASHIRO

O CONSELHO DA MINHA VIDA

Um fato muito triste aconteceu comigo antes mesmo de eu nascer. Meu pai me abandonou, deixou uma mulher de dezenove anos (minha mãe) grávida de um garoto. Depois que nasci, as coisas não foram fáceis até os meus dez anos. Eu sempre ficava triste quando era dia dos pais e eu não tinha o meu pai comigo. Não tinha ninguém a quem eu pudesse abraçar e desejar um “Feliz dia dos pais”, ou entregar o cartão de dia dos pais que eu fazia na escola. Quando me perguntavam dele, eu nunca tinha o que falar, pois nem sabia como era seu rosto, e sempre achei que a culpa por ele ter ido embora fosse minha.

Um dia eu estava jogando no computador com meus amigos do 9º ano. Nessa época, eu já estava com quatorze anos, quase quinze. Alguns amigos saíram e só ficou um comigo, o Brandon, e nós entramos nesse assunto de pai e mãe. Quando nós entramos no assunto de pai, contei a ele que não tinha o meu, o que me fez ficar triste. Depois ele me deu o conselho da minha vida: “É melhor você não se lamentar tanto sobre isso, já parou pra pensar que seu pai poderia ser um bosta com você? Te batendo, xingando, humilhando e jogando tudo na sua cara. Então é melhor não ter um pai, do que ter um que poderia fazer essas coisas com você.” Profundo, né? Pois é, foi isso que me ajudou muito. E então entendi como é importante ver as coisas por outros pontos de vista. E foi então que também decidi algo que foi, sem dúvidas, a decisão mais fácil da minha vida: eu quero ser pai, oferecer ao meu filho aquilo que eu não tive. Ser o pai que não tive.

MUDANÇAS

Quando eu tinha mais ou menos seis anos de idade, me mudei para Bauru, que é uma cidade no interior de São Paulo, a umas quatro horas da capital e umas duas horas de Minas Gerais, praticamente entre São Paulo e Minas Gerais.

No final de 2014, o meu pai recebeu uma proposta que melhoraria sua vida, mas em contrapartida todos tínhamos que nos mudar para Bauru. Essa mudança alteraria muito a minha vida e eu estava morrendo de medo (imagina um lugar onde não tem seus familiares, os mais próximos estão a duas horas de viagem, onde praticamente tudo é novo).

Meus pais me matricularam em uma escola chamada “Colégio São José” e nessa escola fiz amigos para a vida toda. Nós fazíamos praticamente tudo juntos, jogávamos videogame, íamos um à casa do outro e também dormíamos juntos. Mas em 2018 tivemos que voltar para São Paulo, só que eu não queria, pois queria ficar perto dos meus amigos.

Mas no fim deu tudo certo, eu continuo tendo amizade com o Thiago e o Gabriel. Nossa amizade está completando sete anos.

Essa experiência me ensinou uma lição valiosa: não importa a distância e o tempo em que amigos param de se falar; quando se encontram, conversam como se tivessem se visto ontem. Isso é um sinal de que sua amizade é verdadeira (eu sinto muita falta do tempo que passamos juntos e das nossas brincadeiras).

UMA ERA AUTODEPRECIATIVA

Um fato importante ocorreu quando eu tinha doze anos.

Era 2020, terceira semana de março. Coronavírus. Era tudo que aparecia na TV. Aulas canceladas. Por quinze dias, todos estávamos prestes a passar por uma experiência memorável. Portas fechadas, afastamento social, máscaras em todo lugar. Isso demarcava o conceito que muitos não conheciam antes do coronavírus: pandemia global.

Naquele ano, entrei em uma escola nova, “Escola Mais”. De início, o período integral da escola não foi mantido, marcado por aulas online e trabalhos/rotinas de estudo gigantes, apenas como método de manter os alunos ocupados. Minha escola tinha uma base tecnológica muito forte, então a transferência do presencial ao online aconteceu sem problemas. Isso quer dizer que um jovem de doze anos, no sétimo ano, precisava passar no mínimo oito horas em frente da tela de um computador, onde o brilho dos olhos foram substituídos por quadradinhos, mostrando uma face que você nem sabia se existia.

Não saía do quarto por nada, sempre ia dormir tarde, meu único método de distração eram jogos online. Minha casa? Uma bagunça, minha mãe vivia irritada e meu irmão com problemas psicológicos que só se agravaram conforme o tempo passava. Minha vida social? Inexistente, a não ser que se considere um nick e uma voz do outro lado da tela de um computador como um amigo. Saúde mental? Alimentação? Quer que eu continue?

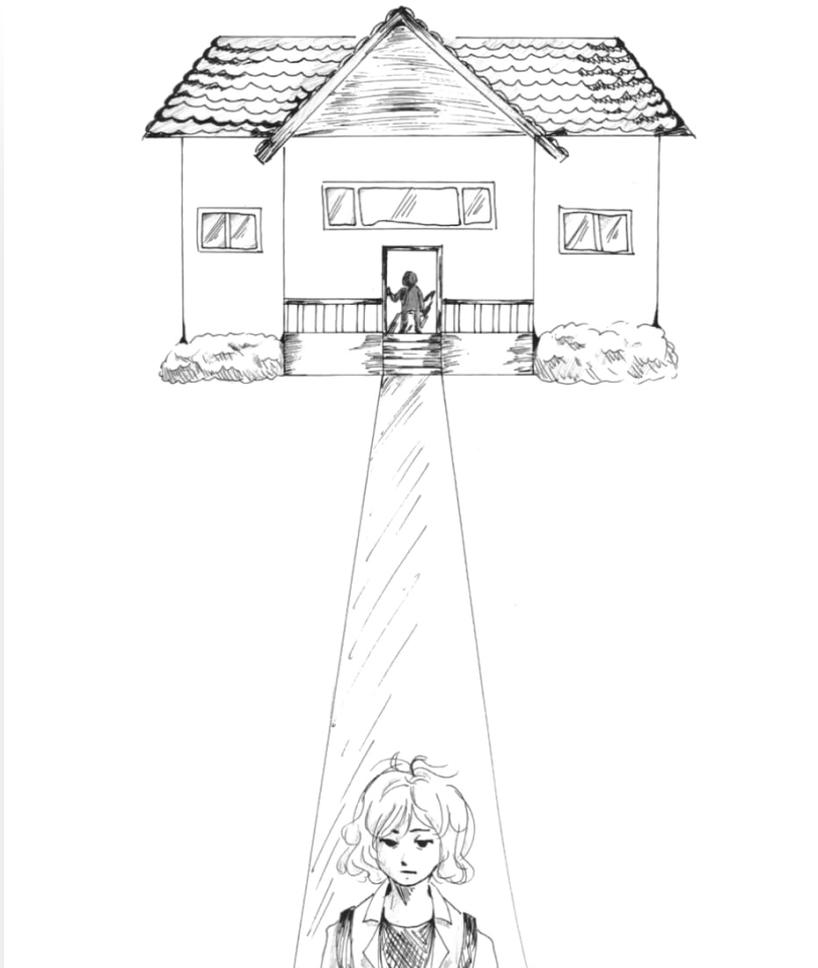
Eu provavelmente tinha depressão nessa época, mas eu não tinha certeza, então não procurei ajuda. Eu nem sabia que precisava de ajuda. Deus, eu nem sabia o que estava sentindo! Eu era só uma criança, uma criança que não merece ter passado pelo que passou, especialmente por ser tão jovem. Nem preciso dizer que não foi um tempo legal, né? Acordava, computador, dormia. Minha rotina estava ficando cada vez mais monótona, sem vida, sem razão. Com uma vontade de sumir, até morrer era melhor do que passar por isso. Perdi a conta de quantos dias passei em claro, algumas vezes sem ter nem uma hora de sono. Passei quase dois anos assim, e sinceramente eu ainda me sinto assim de vez em quando. Tudo por causa daquela pandemia.

Essa experiência me ensinou algo muito importante... ou melhor, “algos” importantes: 1° - Contato físico, social, humano, é uma das coisas mais importantes que existem, cultive aqueles que estão ao seu redor, um dia eles podem ir embora. 2° - Você não precisa passar por tudo sozinho. Você não deve se sentir mal em pedir ajuda, muito menos fraco, insuficiente se NÃO passar por isso. 3° - A vida nem sempre é como nós esperamos, nem tudo está sob nosso controle. Mas isso não significa que devemos perder a esperança, muito menos

UMA ERA AUTODEPRECIATIVA

pensar que nossas vidas são miseráveis por conta disso. Foque no que você conseguir controlar e não se desesperar. Você até pode não conseguir controlar a situação, mas pode controlar como irá reagir a ela.

Hoje, quando lembro desse momento, dessa época, agradeço por tudo que ela me ensinou, afinal, se não tivesse passado por isso, não seria quem sou hoje. Minhas experiências, ou as de qualquer um, por mais traumáticas que sejam, fazem parte de quem somos, e não devemos nos envergonhar ou nos arrepender delas. Mas, sim, agradecer por elas. Se elas nunca tivessem acontecido, eu não teria a maturidade, muito menos a coragem de estar escrevendo esse texto agora. Por isso, agradeço, espero que ele possa te inspirar ou te ensinar alguma coisa. Quem sabe você esteja passando por um momento difícil e precise de ajuda ou já passou por algo parecido, mas ainda tenha vergonha ou ressentimentos. Seja qual for seu caso, espero que possa ter te ajudado. Nem que seja um pouco.



MEL AIMI MIYASHIRO

COMO A REGIÃO DO BRÁS QUASE ME FEZ ENLOUQUECER

O dia em que eu atrasei para uma prova importante ocorreu quando eu tinha quinze anos e foi um dos momentos mais desesperadores da minha vida.

No dia, eu havia acordado cedo, estava ansioso para a prova, mas acabei enrolando um pouco e já estava atrasado. A previsão era que eu chegasse bem em cima do fechamento dos portões, mas quando cheguei, havia um trânsito imenso e eu comecei a me desesperar. Eu não sabia o que fazer, pois ainda estava um pouco longe do local da prova. Quem vive em São Paulo sabe que a região do Brás é uma região difícil de se trafegar de carro, então decidi ir andando, ou melhor, correndo. Corri muito mesmo com minhas pernas bambas de tanto nervosismo, segurando documentos, lápis e borracha. No fim, consegui entrar a tempo e fazer a prova. Foi um grande alívio quando sentei na minha carteira.

Essa experiência me ensinou que, mesmo em situações extremamente estressantes, é importante manter a calma e encontrar soluções para os problemas. Se eu tivesse desistido ou perdido a cabeça, não teria alcançado meu objetivo.

Hoje lembro do ocorrido como algo engraçado e como forma para descontrair.



MANUELA MACHADO GUMBYS

V A L E A P E N A ?

Um fato importante ocorreu comigo quando eu tinha quatorze anos, foi no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Para contar o que aconteceu, devo começar do “início”. Eu tocava violino desde meus oito anos. No ano passado, 2022, eu entrei para a orquestra da minha antiga escola. Fomos convidados para tocar em uma noite de sábado em um dos lugares mais visitados de São Paulo, o MASP. Eu treinei muito, cheguei a passar quatro horas tocando todos os dias. A noite tão esperada chegou e foi perfeita.

Essa experiência única que vivi me ensinou algo muito importante, que foi aproveitar cada momento como se fosse o último. Me lembro bem da emoção que era acertar as notas e do brilho nos olhos do maestro a cada música concluída.

Hoje, quando me lembro do que ocorreu, me vem apenas uma palavra em mente: gratidão. A sensação que tive, ao terminar a última música, e todas as pessoas levantarem da cadeira para aplaudir, guardo em minha memória; e conto a todos que, sim, cada esforço vale a pena.

SUPERAÇÃO

Um fato importante aconteceu na minha vida quando eu tinha treze anos. Foi quando a minha avó materna descobriu um problema nos olhos dela e acabou ficando bem doente.

Desde sempre, minha avó teve alguns problemas na vista, mas nunca foi tão sério. Depois de muitos exames, os médicos descobriram que ela tinha uma espécie de câncer nos dois olhos. Quando eu descobri isso, o meu mundo desabou, eu tinha muito medo de perdê-la, e me doía mais ainda ver que ela teria que parar de fazer aquilo que ela mais amava, que era pintar e dar aula.

Ela fez um tratamento bem forte de quimioterapia, mas não adiantou e ela acabou perdendo quase 70% da visão. Hoje em dia, sem conseguir enxergar praticamente nada, minha avó faz bolachinhas e docinhos para vender.

Essa experiência me ensinou que, mesmo com tantas dificuldades, é possível alcançar o que queremos, só é preciso lutar, assim como a minha avó lutou. Tenho muito orgulho de ser neta dela e de ver que ela finalmente achou uma coisinha que ela consegue fazer sozinha.

Hoje, quando me lembro do ocorrido, agradeço a mim e a minha família por nunca termos desistido dela e por sempre acreditarmos que ela ficaria bem de novo.

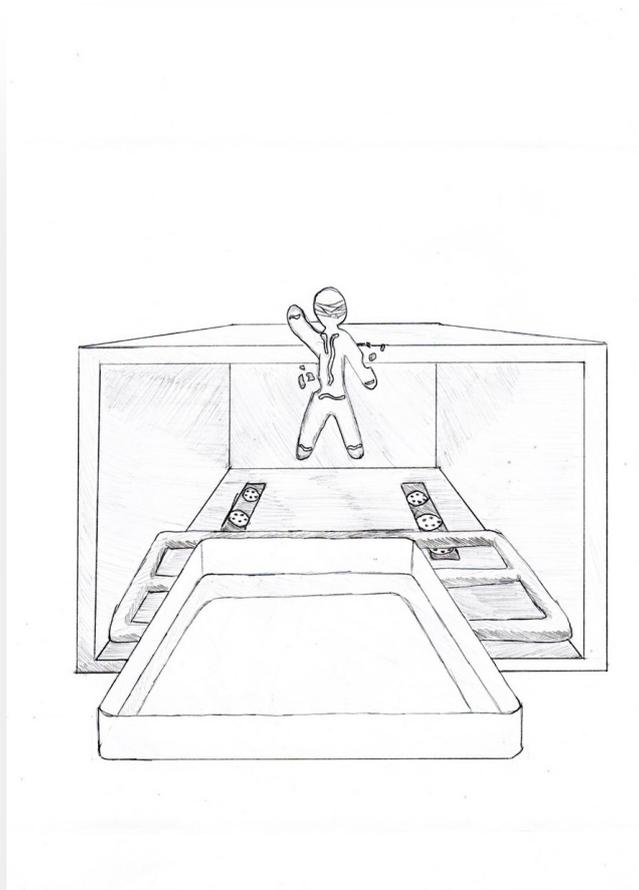
MINHA APROVAÇÃO NO IFSP

Um fato muito importante ocorreu quando eu tinha quinze anos. Este fato foi minha aprovação no IFSP.

No começo, a ideia de fazer a prova ainda era algo muito distante, pois para mim era uma realidade muito difícil de se alcançar. Achava que era algo que eu não conseguiria. Muitos diziam o quão complicada a prova era e também o quão difícil é se manter lá, porém, apesar de tudo, meus pais me incentivaram muito e diziam que, mesmo que eu não passasse, ainda assim seria uma experiência e um aprendizado a mais na vida. Também havia um professor meu que dizia muito sobre o IFSP nas aulas, quão bom era lá e que seria uma grande conquista passar lá. Então, tudo isso acabou me incentivando a tentar. Enfim, o tão esperado dia chegou. E eu fui aprovada! Foi uma surpresa muito boa e um grande motivo de felicidade para mim e todos que me acompanharam.

Toda essa experiência me ensinou algo muito importante: que apesar de estarmos sempre com medo e inseguros de tentar algo novo, sempre vale a pena tentar ao menos, pois nunca saberemos o que pode acontecer.

Hoje, quando lembro do ocorrido, agradeço pelo aprendizado e conto essa história a todos que possam se beneficiar dela.



LUCAS LEMOS LEME

UMA NOVA CHANCE

Um fato importante ocorreu quando eu tinha onze anos. Eu e minha família estávamos viajando nas férias de julho para Fortaleza, e em um dos dias decidimos ir de carro para Jericoacoara, que fica a quatro horas de distância do hotel onde estávamos hospedados. Mas no caminho sofremos um acidente de carro.

Já haviam falado para mim e minha irmã que a estrada para Jericoacoara era uma das estradas mais perigosas do Brasil. Durante a viagem, quando estávamos na estrada de mão dupla, um motoqueiro desviou de um buraco à frente e por isso um caminhão perdeu o freio, derrapou para o outro lado da via e bateu no nosso carro. Eu estava dormindo com a cabeça apoiada na janela e senti a batida, mas continuei dormindo, ao acordar tomei um susto ao ver toda situação. Eu estava com o nariz cheio de sangue, meu pai com muita dor no braço e minha irmã e minha mãe desesperadas com a situação. Lembro dos carros passando por nós oferecendo ajuda, mas quem nos ajudou foi a própria empresa de caminhão, que nos levou para o hospital mais próximo do local. Chegando à UPA de Fortaleza, eles me transferiram para outro hospital para fazer a tomografia e meu pai ficou lá mesmo na fila do raio-x. Depois de realizar o exame e aguardar o resultado por três horas, descobrimos que eu tinha quebrado o nariz e meu pai fraturado a clavícula.

Essa experiência me ensinou a dar mais valor à vida. Eu senti como uma chance de viver de novo, vi também a realidade dos hospitais públicos do Brasil. Foi um grande ensinamento para os meus pais também, que durante a viagem estavam brigando e dizendo que iam se separar.

Hoje, quando eu lembro do acidente, vejo como experiências difíceis podem nos ajudar e muito no decorrer da vida.



MANUELA MACHADO GUMBYS

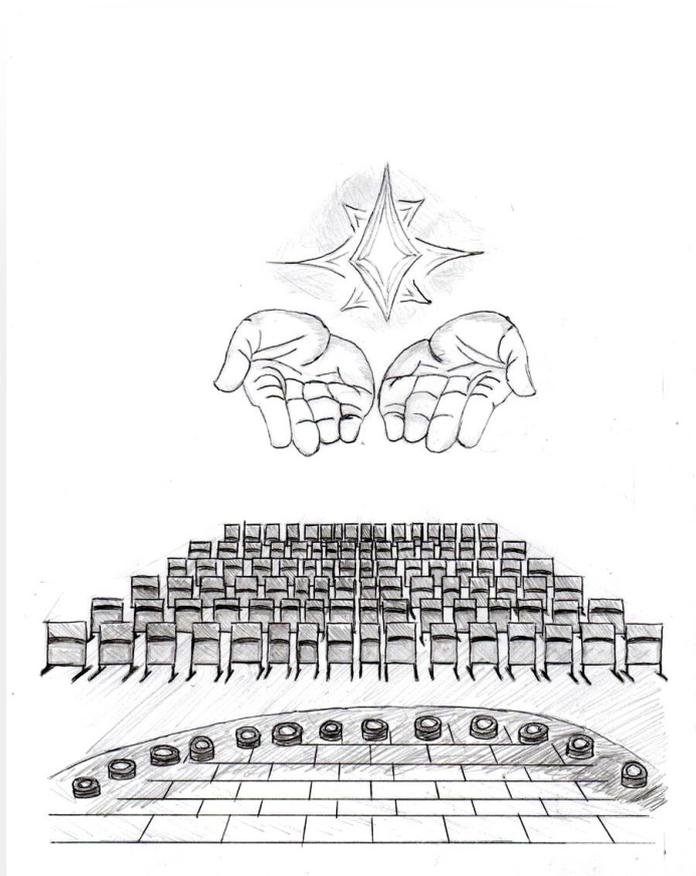
EM BUSCA DE UM INGRESSO

Um fato importante aconteceu comigo quando eu tinha quatorze anos: eu fui no show do meu artista favorito!

Tudo começou no dia 30 de agosto, quando eu estava mexendo no meu celular e vi em uma página que eu acompanhava que o Matuê (meu cantor favorito) iria fazer um show perto da minha casa. No mesmo instante eu fiquei muito animado e já fui atrás do meu pai para pedir dinheiro para ir. Porém, como a vida não é um mar de rosas, ele não deixou eu ir, pois ele não tinha dinheiro.

Isso foi importante para que eu pudesse perceber que eu não poderia depender dos meus pais para sempre, então eu fui procurar algum tipo de trabalho para juntar dinheiro e poder ir ao show.

Dias se passaram e um dia antes do show eu tinha acabado de conseguir todo dinheiro necessário para comprar o ingresso. Então eu comprei o ingresso e no dia seguinte eu participei do show e gostei muito.



LUCAS LEMOS LEME

NO DIA SEGUINTE

Eu tinha doze anos. Sempre fui muito orgulhosa e achava que estava sempre certa. Nessa época, eu tinha uma pessoa muito próxima a mim e que podia arriscar dizer que era meu melhor amigo. Encrenqueiro, ele nunca foi muito certinho. No fundo, isso me irritava, me preocupava, mas nos dávamos bem assim.

Toda vez que ele se metia em algo, eu tentava mostrar para ele que podia ser diferente. A gente discutia e logo estávamos bem novamente. A mágoa nunca durava muito. Entretanto, em algum dia específico, acabei discutindo demais. Briguei demais. Ficamos dois dias sem nos falar, mas acabei dando o braço a torcer e decidi que no dia seguinte iria tentar me resolver com ele. Tentar mostrar que podia ser diferente, assim como eu dizia. Porém, quando o amanhã chegou, logo de manhãzinha, o telefone da minha casa começou a tocar. Aquilo nunca tocava, a menos que algo sério acontecesse. Era a coordenadora da escola em que estudávamos, dizendo que algo ruim tinha acontecido. Pensei em inúmeras coisas: nota baixa, alguma recuperação. Quem dera fosse, eles diziam que o funeral de um aluno aconteceria em tal endereço. O meu amigo, o meu melhor amigo.

Não consegui me desculpar, nem me despedir. Ele sumiu do mundo sem me avisar. Ninguém, até hoje, sabe dizer o que aconteceu. Nada. A única coisa que fixou em mim nos dias de hoje era como eu deveria – e devo – ser menos orgulhosa. Perdoar mais, demonstrar mais, viver mais. Não se prender em detalhes tão pequenos que um dia podem nem fazer mais diferença.

Converse mais. Nem sempre existe um “dia seguinte” como eu queria que existisse. Às vezes sinto culpa por não ter feito nenhum pedido de desculpas antes do último dia dele. Talvez, se eu pudesse aconselhar alguém, diria para amar mais e falar mais. Não ser tão rigoroso com as pessoas, nós temos jeitos diferentes de agir. O amor pode ser eterno, a vida não.

SEPARAÇÃO FELIZ

Um fato importante ocorreu quando eu tinha dez anos. Em casa as coisas não eram boas, meus pais brigavam muito e eu e meu irmão sofríamos com isso, principalmente porque ele tinha apenas cinco anos.

Então, um certo dia, eles decidiram se separar. Eu e meu irmão não queríamos isso, ficamos muito abalados com aquela situação. E eu, como irmão mais velho, tive que ajudar meu irmão com tudo o que ele estava sentindo naqueles dias.

Essa experiência me ajudou a ganhar maturidade e responsabilidade, pois tive que ser como um mentor para meu irmão mais novo. Hoje em dia moro com meu pai e meu irmão com minha mãe, mas mantenho contato com eles, quase todo final de semana vou visitá-los.

Hoje, quando lembro do que aconteceu, fico triste, pois não queria que meus pais se separassem, mas hoje vejo que eles são mais felizes separados, e eu ainda os amo mesmo não estando perto uns dos outros.

NO MEU CORAÇÃO

Um fato importante que ocorreu foi adotar minha gata. Kira foi meu primeiro bichinho de estimação, a encontrei na rua numa noite. No começo íamos dar apenas um lar temporário, mas, com a condição de eu ser responsável por ela, me deixaram ficar com ela.

Tudo era muito novo para mim. Ser responsável por uma vida foi difícil, não posso mentir. Ela era uma gatinha não muito carinhosa e aprendi a lidar com isso. Com o tempo, vi que meus esforços para me aproximar dela tinham que respeitar seu próprio tempo. Nos mínimos detalhes eu pude ver que ela também estava lá comigo ou que suportava minha existência.

Mas infelizmente ela veio a falecer, foi muito difícil para mim, não aceitava que ela tinha ido pra sempre, queria ter feito mais por ela. Porém, mesmo com tudo isso, a vida não parou, tive que aprender a lidar com isso e tentar me focar nos bons momentos.

Algumas pessoas falaram quão idiota era meu luto, “é só arranjar outro” ou “era só um gato”. Mas sempre foi mais que isso. Kira me ensinou que nem sempre vou saber lidar com um comportamento com o devido respeito.

Sinto falta dela mesmo um ano depois, sempre vou sentir, sempre será “minha carrancuda”. Hoje agradeço o aprendizado e conto essa história a todos os que possam se beneficiar dela.



LAILA DOMINGUES SIMÕES

A PRÁTICA LEVA À PERFEIÇÃO

Um fato importante ocorreu em meados de 2019, quando eu era apenas um pré-adolescente, com doze anos de idade.

Durante a minha infância, sempre fui uma criança muito apegada à música e apaixonada por instrumentos de percussão, então desde os meus quatro anos de idade eu comecei a tocar bateria. Por volta dessa idade, eu apenas ia à igreja para tocar durante as missas de domingo...nada que saísse muito da minha rotina. Os anos se passaram e aos dez anos tive uma conversa com minha mãe, dizendo que queria tocar bateria em um nível mais alto, me apresentar com outros músicos e aprender mais sobre música. E foi assim que, aos onze anos, me inscrevi no processo seletivo da EMESP Tom Jobim. Dias depois, recebo a notícia de que fui aprovado no concurso e, após isso, meu olhar do que seria a música se ampliou e mudou bastante.

No segundo semestre do ano de 2019, a orquestra recebeu um convite para se apresentar no Teatro Municipal, um teatro muito famoso em São Paulo. No dia da apresentação, eu estava nervoso e pouco confiante em mim mesmo, o resultado foi uma péssima apresentação minha, acabava me distraíndo, o número de pessoas me assustava e eu não tinha nenhuma experiência de palco. Fiquei desmotivado de me apresentar novamente, porém, sabia que era capaz de ter um desempenho melhor, então me esforcei bastante, estudei muito para fazer diferente da próxima vez.

No final desse mesmo ano, fomos convidados para nos apresentar no mesmo teatro. No dia da apresentação, eu estava bem concentrado e sabia que ia dar tudo certo. Dito e feito, fiz uma ótima apresentação e aprendi muito nesse dia.

Esse momento foi muito importante para mim, me fez lidar com as dificuldades de forma diferente, vi que nem tudo está perdido, é com base em experiências passadas que se aprende o que fazer das próximas vezes.

Hoje em dia, sei que a prática leva à perfeição e sei que não só a minha história, como a de outras pessoas, são exemplos fiéis disso.

SEREMOS SEMPRE OS MESMOS

Um fato interessante ocorreu quando eu tinha treze anos.

Nunca tive uma boa relação com meu pai, e quando isso aconteceu eu estava tentando torná-la melhor. Durante uma conversa com ele acabamos nos exaltando e aconteceu de eu ser agredida, não só fisicamente, mas também verbalmente. Naquela mesma tarde, antes disso acontecer, havia pensado que ele tinha mudado e que desta vez seria diferente, mas não foi.

Essa experiência me mostrou algo muito importante: as pessoas nunca mudam, não importa o quanto você tente. Elas sempre serão as mesmas.

Hoje, quando me lembro disso, me sinto um pouco mal por ter aprendido isso de uma forma tão dolorosa. E, embora sinta toda essa dor, fico feliz que ao menos meu pai me ensinou algo (mesmo que de uma forma ruim).

ESCOLHAS

Um fato importante ocorreu quando eu tinha quatorze anos. Nessa época comecei a sentir algo que nunca havia sentido antes, a cobrança de decidir o meu futuro.

Tudo começou desde muito pequena, quando meus pais e parentes próximos me comparavam com primos que haviam conquistado muitas coisas ao longo da vida. Eles enxergavam em mim um potencial gigante e com isso vinham as grandes expectativas para o meu futuro.

Durante a minha infância nunca tive nenhum problema escolar ou comportamental, sempre tirei as melhores notas e me cobrava ao máximo para não cometer nenhum erro. O grande problema foi na passagem da infância para adolescência, quando as consequências das cobranças começaram a aparecer em forma de ansiedade.

Quando estava no nono ano, meus pais me apresentaram a Etec e a Federal. Entrei em um cursinho preparatório, mas, mesmo tentando me concentrar nas aulas, não conseguia por conta da ansiedade. Estudava integralmente durante as semanas e aos sábados para os vestibulinhos. Com isso fui me cansando aos poucos, já que meus pais não me deixavam sair com meus amigos ou dar uma pausa nos estudos. Percebi, então, que minha vida havia se tornado apenas a cobrança para uma prova que aparentemente mudaria minha vida para sempre.

No final do ano realizei as provas, e para minha surpresa tinha passado em ambos os testes.

Hoje, quando me lembro desse ocorrido e de tudo o que tive que passar, me pergunto se continuarei vivendo sob as escolhas das outras pessoas, ou se um dia poderei fazer minhas próprias escolhas. Espero futuramente inspirar as pessoas e fazer com que elas possam tomar suas próprias decisões, mas também espero que, escrevendo a minha história, eu mesma possa me inspirar em meu passado para escrever meu futuro.

A SUPERAÇÃO DE UMA MULHER

Um fato importante ocorreu quando eu tinha oito anos. Era uma maravilha, minha família estava numa época muito boa, saíamos para o shopping quase todo final de semana, jantávamos fora e fazíamos churrasco com os familiares, meu pai era muito diferente, um cara legal e gentil.

Um dia o meu pai bebeu e ficou muito agressivo e começou a xingar minha mãe. Eu e minha irmã ficamos com muito medo. Nunca vimos este lado dele. Ele se irritou e bateu na minha mãe até que eu e minha irmã os separamos. Ela contou o fato para os familiares e então eles disseram para minha mãe se separar, mas ela não quis. O meu pai disse que ia mudar e ela acabou acreditando. Com o passar do tempo, tudo voltou a ser como era antes. Porém, meu pai bateu nela de novo e quebrou o dedo dela. Eu saí de casa correndo para a casa da minha tia, que saiu correndo para minha casa e ajudou. Meu pai pegou todas as coisas dele e foi morar com a minha avó. É algo que não consigo esquecer.

Essa experiência me ensinou que nunca se deve levantar a mão para uma mulher. Devemos cuidar um do outro, e quando tiver algum desentendimento tem que sentar e conversar.

Hoje, quando lembro do ocorrido, agradeço pelo aprendizado. Agora nós moramos juntos, minha mãe e minha irmã. Minha mãe trabalha e a minha irmã também e já compramos um carro e estamos conquistando as coisas, pouco a pouco. Não tem briga e hoje em dia vivemos em paz.

TODOS PRECISAMOS DE AJUDA

Um fato importante ocorreu quando eu tinha quinze anos. Estávamos em um período pós-pandemia e eu acabei perdendo meu tio para a COVID-19, o que afetou muito a minha família, que sempre foi unida.

Esse meu tio veio a falecer em 2021 e a morte dele afetou principalmente meu pai, que teve uma reação de desmaio, pois ele já havia perdido o seu pai alguns meses antes de perder o irmão. Essa situação fez com que meu pai viesse a afundar no seu vício: a bebida. Esse foi um momento difícil, pois eu nunca havia visto meu pai tão frágil, mas lidar com o vício me emocionou muito.

Essa experiência me ensinou coisas muito importantes como a paciência, entender que mesmo aqueles que achamos mais fortes têm momentos de fragilidade, que precisamos de apoio e que, mesmo quando achamos que não somos capazes de ajudar, apenas a nossa presença pode fazer a diferença.

Então hoje, quando eu lembro do ocorrido, agradeço pelo aprendizado e pela melhora do meu pai, e conto essa história a todos os que possam se beneficiar dela.

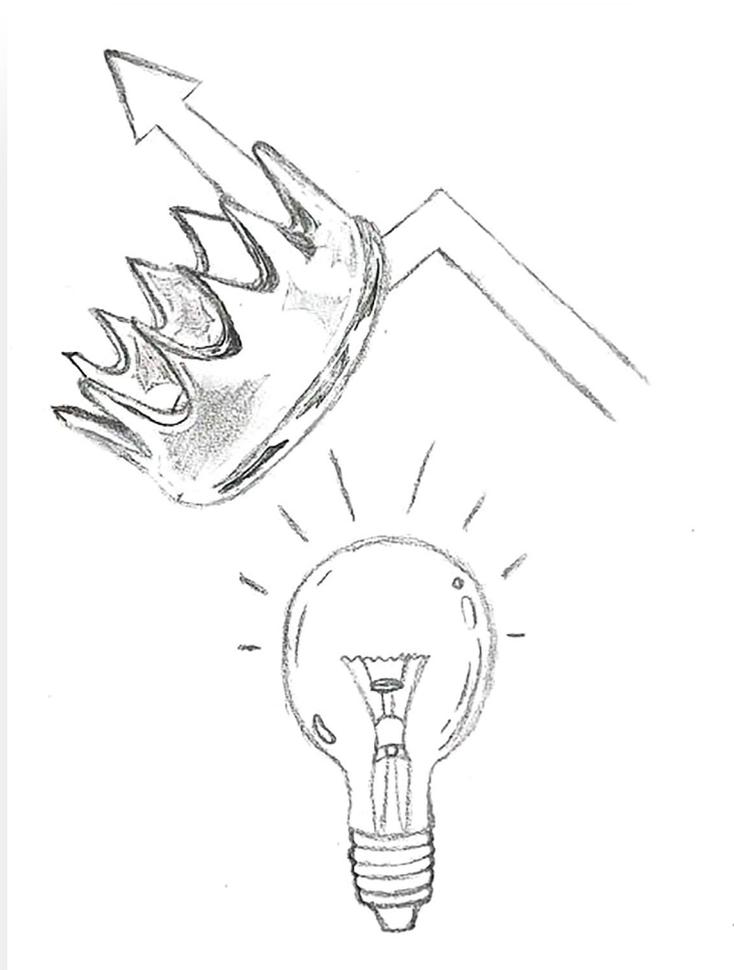
P E R S E V E R A N Ç A

Um fato importante ocorreu quando eu tinha quatorze anos. Devido a dedicação e foco, obtive reconhecimento. Foi uma experiência importante, entre diversas outras experiências vividas.

Em princípio, prestígios acadêmicos não são auferidos facilmente, muitos nem os buscam. Do mesmo modo, que dirá um patrocínio! Quanto a mim, porventura, tive a honra de ser patrocinado pelo reverendo Marcos Yamada, professor de tênis de mesa (empresário, competidor olímpico, doutor...), e sua filha Jéssica, para ser atleta do clube Itaim Keiko JJ. Isso ocorreu após eu ganhar um torneio em que os atletas dele estavam presentes. Tal clube foi titulado 31 vezes como o melhor do Brasil.

Posteriormente, pude perceber o quão importante isso foi pra mim. É verdade quando se diz que: “fazer o que se gosta pode não render financeiramente, mas com certeza fará o seu dia melhor.” Isso me fez pensar que devemos fazer aquilo de que gostamos, pois os benefícios do que fazemos serão para nós mesmos.

Analogamente, repasso minhas experiências de forma que as pessoas possam se inspirar e se comparar, a fim de melhorar e evoluir. Tudo que é feito corretamente é recompensado, é consequência daquilo que é bem feito, com mais foco, ânimo, disciplina e perseverança. Todos têm capacidade.



LUIS FERNANDO MASSONI MONTEIRO NEVES

M O M E N T O S

O fato ocorreu no ano de 2021. Apesar de morarmos muito longe um do outro, eu ia muito à casa do meu vovô. Ir lá não era o problema, já que o amor era incondicional. Eu sempre fazia todas as tarefas com a presença dele, e também jogávamos muito dominó, que, apesar de ser apenas um jogo para algumas pessoas, era nosso jogo predileto e ocupava a maior parte do nosso tempo.

Um dia qualquer, como de costume, fomos à feira comprar ingredientes para o almoço. Foi um dos melhores momentos que tivemos juntos e não pensei na possibilidade de esse ser nosso último momento. No final do dia, decidimos ir embora para casa.

No dia seguinte, final da tarde, enquanto estava em minha cama junto com minha irmã, veio a notícia do falecimento do meu avô. Meu mundo acabou em segundos. Não sabia que momentos poderiam mudar minha vida.

Não consegui ir ao seu velório. Porque não quis guardar sua última imagem em um caixão.

SEM SEQUELAS

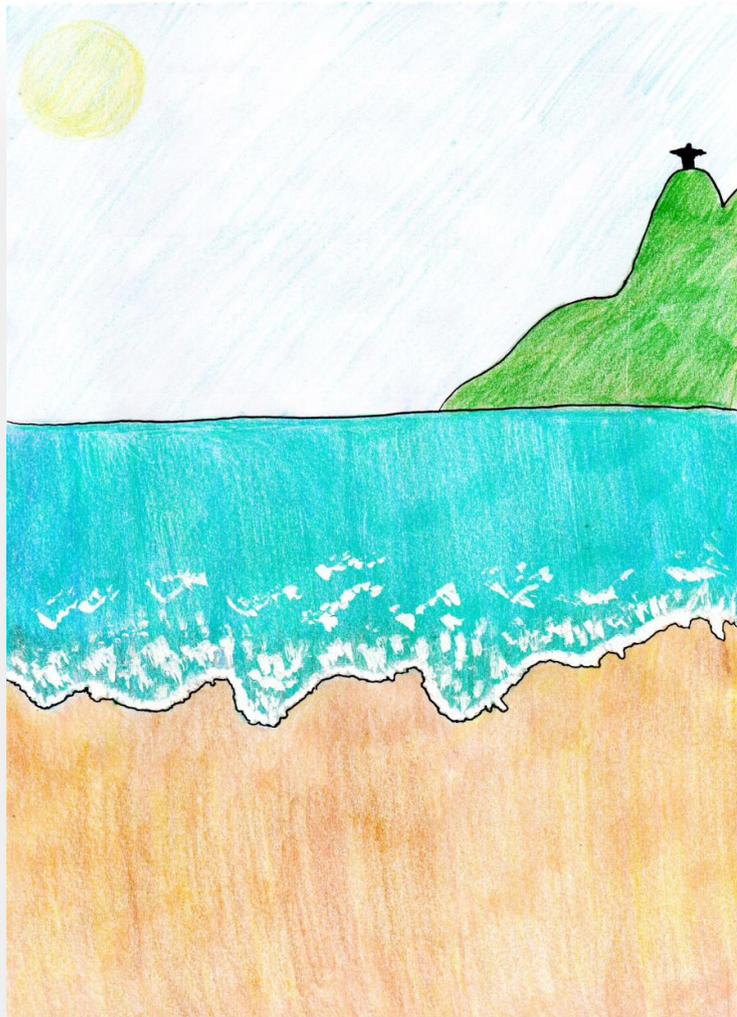
Epilepsia mioclônica juvenil é uma doença hereditária, mas nem sempre dá sinais de sua existência, com chances de nunca aparecer em linhagens anteriores.

Era outubro de 2021, as aulas ainda estavam incertas devido à pandemia, era mais um dia comum, eu estava atrasado para a aula, no meu caso presencial, preparando minhas torradas junto ao café, e a minha mãe logo à minha frente. A torradeira soltou as torradas e elas ficaram prontas. Assim que eu fui me virar, tudo ficou preto. Pouco tempo depois eu estava no chão e minha mãe chorando e meu pai me levantando, eu estava distante, como eu fui parar ali? Eu não estava dormindo? Logo estávamos no hospital, fiz vários exames e fiquei internado quase uma semana. Eu tinha de ficar sozinho na maca porque estávamos em quarentena, e assim que saí da UTI fui direto para casa, com o diagnóstico de epilepsia.

A minha vida não mudou muito, para ser sincero. Porém, eu não lembro de quase nada do ocorrido acima, eu ainda tenho medo de esquecer mais coisas. Eu tomo vários remédios e as minhas mãos ainda tremem. Eu gosto de imaginar que isso me deixou mais forte, mesmo sem um motivo lógico eu acho que fiquei mais responsável, não só para cuidar de mim, mas para cuidar de todos os outros ao meu redor.

MINHA INCRÍVEL JORNADA AO RIO DE JANEIRO

Certo dia um pessoal do Grêmio nos chamou para uma viagem ao Rio de Janeiro. Fiquei muito animada e minha mãe permitiu que eu fosse. Arrumei minhas malas e parti com o pessoal da escola. Lá tivemos palestras sobre o Ensino Médio. Nos instalamos na Universidade Federal do Rio de Janeiro e dormimos lá por três dias. Fiz muitos amigos lá. No último dia pudemos escolher um lugar turístico do Rio para visitarmos. Eu estava muito ansiosa para ir à praia. No entanto, quando fui pegar minha ficha para poder ir, já haviam se esgotado, e só me restou ir ao Museu da Lapa. No momento fiquei muito triste, mas ainda tinha esperanças de ir a um lugar melhor. No final das contas, meu grupo de viagem conseguiu um ônibus para as pessoas que queriam ir à praia. Fiquei muito feliz e aproveitei muito, aprendi com essa experiência a me adaptar a situações novas e lidar com decepções.



LAILA DOMINGUES SIMÕES

SEGUIR EM FRENTE É ESSENCIAL PARA UM FUTURO CERTO, MESMO QUANDO AS COISAS DÃO ERRADO

Desde meus onze ou doze anos queria entrar em uma escola muito famosa pela alta qualidade de ensino: o Liceu de Artes e Ofícios.

No ano passado, a partir de junho, intensifiquei minha rotina de estudos a fim de entrar nessa escola. Todos os dias reservava pelo menos duas ou três horas para estudar somente o conteúdo que cairia na prova seletiva do Liceu. Logo fiz minha inscrição e papai disse-me para me inscrever também na Etec e no Instituto Federal de São Paulo por precaução.

Assim, eu me joguei de cabeça nos livros, e assisti também aulas no youtube. Enquanto isso, muitas coisas aconteceram. Meu avô por parte de pai de repente passou mal e foi internado, meu irmão, que ainda estava na metade da faculdade, engravidou a namorada e eles esconderam isso da mamãe (mas ela descobriu), entre muitas outras coisas. Devido a tantas coisas acontecendo, eu confundi datas e acabei perdendo a prova do Liceu.

O papai disse-me que ficaria tudo bem, mas que eu precisaria entrar em uma escola boa, e caso não entrasse eu iria para uma pública e faria alguns cursos à parte. Na ocasião, ignorei esse fato, fiquei calada e, quando não havia ninguém perto, me despedicei em lágrimas. Até hoje eu me questiono se eu teria sido capaz de ter passado na prova... Alguns dias depois, mesmo sem muita esperança, continuei estudando para as outras provas seletivas. Como eu havia planejado, compareci nos dias em que as provas seriam aplicadas e dei meu melhor.

Cerca de um mês depois recebi a notícia de que havia passado em 8º lugar no Instituto Federal. Na mesma época recebi a notícia sobre a morte do vovô, duas semanas atrás, naquele mês. Foi uma mistura de dor e felicidade dentro de casa.

No fim de tudo, eu e minha família aprendemos a superar a dor e eu iniciei meus estudos na escola nova, que, a cada dia que passa, me cativa mais e mais.

Essa experiência me ensinou que às vezes os sonhos se realizam de uma maneira diferente da qual esperávamos. Hoje, quando me lembro de tudo isso, agradeço pela grande lição de vida, que me ajudou a ver o lado bom das coisas, mesmo quando parece que tudo deu errado. E conto essa história a todos que precisam de esperança em momentos de desesperança.



LAILA DOMINGUES SIMÕES

QUEM É VOCÊ?

Um fato importante aconteceu durante a pandemia quando tinha doze anos.

No início eu não pensava sobre isso, porque sempre tive pessoas ao meu redor. Mas quando a pandemia apareceu, eu ia ficando mais sozinha. E então, uma pergunta explodiu na minha mente: “Quem eu sou?”. Depois dessa, derivaram outras perguntas sobre mim: “Do que eu gosto?”, “Por que me sinto assim?”. A sensação era de vazio interno, e de que dentro dessa imensidão surgia uma porta que estava distante e eu desesperadamente tentava alcançá-la.

Ao longo desse período, comecei a refletir para tentar achar soluções. Sempre fui muito curiosa, gosto de ter respostas na ponta da língua. E em um “estalar de dedos” percebi que eu não era a personagem principal da minha própria história. Já se sentiu tão distante de si mesmo? Desse modo, vi que eu era apenas um “ator” que se adaptava a cada papel. Nunca fui eu mesma, eu realmente não gostava daquelas coisas e minhas emoções eram superficiais. Só que como eu podia afirmar isso sendo que eu nem sabia quem eu era? Hoje eu ainda estou me esforçando para alcançar aquela porta. Eu ainda estou tentando me achar. O sentimento é quase o mesmo, porém, o que o diferencia é que eu não me conformei com aquele abismo dentro de mim e, por isso, o processo é mais divertido.

Meu desejo final da vida é preencher esse buraco negro que habita dentro de mim. No entanto, eu sei que, lá no fundo, sempre terá aquele espaço impreenchível. Mesmo com a imortalidade e toda a sabedoria do mundo, ele nunca vai desaparecer. Porque, afinal, eu sou aquele buraco impreenchido. Portanto, eu vou fazer o que eu quero. Irei sentir os momentos como nunca, descobrir as pessoas e aprender com elas. Não vou olhar nem no relógio, porque não pretendo odiar o tempo, só almejo caminhar ao seu lado nessa nova jornada. Eu vou ser como realmente sou. E se algum dia eu começar a me enjoar desse processo, anseio me esquecer, porque assim, posso começar tudo de novo.

Mas, agora, eu estou aqui com você, e quero saber: o que você quer, do que você precisa e quem é você?

RELAÇÃO DE AUTORES E MINIBIOGRAFIAS



ADRIANA TONELLI MENDES COSTA FERREIRA

Me chamo Adriana, estudo no IFSP desde 2022. Eu amo dançar e fazer poemas, eu odeio me sentir pressionada, mas estou tentando melhorar isso. Meus maiores sonhos são ser uma grande advogada e morar na praia para ir todas as noites ouvir o som do mar.



ANA LUIZA MARCANO A. THOMAZINI IVO

Meu nome é Ana Luiza, tenho 15 anos e moro em Santo André. O meu tempo livre adoro passar com os meus amigos fazendo coisas legais. Eu adoro viajar e conhecer lugares novos.



BEATRIZ BOTELHO MATIAS DE OLIVEIRA

Me chamo Beatriz Botelho, eu amo sorvete com batata frita, amo cachorrinhos, especialmente da raça Salsicha, ainda mais os gordinhos. Amo a natureza, principalmente as praias e as cachoeiras.



BRANDON PEDROSO RAMOS SILVA

Me chamo Brandon, tenho 16 anos (11/07/2007). Sou aluno do Instituto Federal de São Paulo desde 2023. Nasci na cidade de São Paulo e hoje moro em São Bernardo do Campo, ABC. Gosto de ler, dormir e assistir filmes. Não gosto muito de estudar alguns temas que prefiro não citar. Um sonho que tenho é de me tornar perito forense, gosto bastante do que eles fazem.



BRENO ANDRÉ MESSIAS DA SILVA

Oi, sou o Breno, tenho 16 anos, nasci em São Paulo e cresci no Capão. Gosto muito de esportes e músicas, principalmente de basquete e rap, não gosto de coisas realmente ruins, que fazem mal aos outros, meu objetivo é ser sempre o melhor de mim.



BRUNA MAIA SANTANA

Me chamo Bruna Maia Santana. Nasci em São Paulo, capital. Há algumas coisas que eu não gosto, incluindo: arrogância, mentira e hipocrisia. Sou apaixonada por dançar, passar o tempo com a minha família e amigos, conversar e ver filmes.



CAIO DELFINO MOTTA BASTOS

Me chamo Caio, tenho 16 anos e moro em São Paulo. Gosto de jogar futebol e tocar instrumentos, a coisa que eu menos gosto é acordar cedo. O objetivo maior no momento é me formar no Instituto Federal.



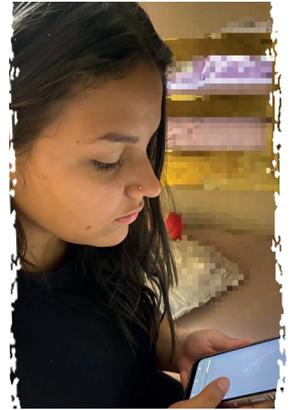
CAUÃ REIS FERREIRA VIEIRA

Nasci no dia 07 de julho de 2007, tenho 16 anos, sou paulista, mas morei por 5 anos em Bauru. Fiz amigos lá. Em 2017 perdi minha avó, foi bem sofrido para mim. Em 2019 voltei para São Paulo e desde então moro aqui, adoro jogar videogame e o meu jogo favorito é “The last of us”.



FELIPE BORGES CONCEIÇÃO

Felipe é meu nome, mas prefiro que me chamem de Felps. Nasci em São Paulo, capital, e estudo na Federal (IFSP). Gosto de jogar vôlei, de jogos eletrônicos, fazer musculação e passar um tempinho saindo com meus amigos. Tenho uma vida simples, repleta de pessoas que eu admiro, mesmo assim de vez em quando posso me sentir sozinho. Ah, eu também amo ciência, astronomia e filosofia. Sou totalmente curioso e sempre gostei de me fazer perguntas. Amo ouvir música, apenas ela tem o poder de mudar meu humor. Além disso, certos estilos de músicas me ajudam a focar em algumas atividades.



GEOVANNA FELIX PEREIRA

Me chamo Geovanna, tenho 15 anos e cresci em São Paulo, adoro ser leiga, conversar com minha irmã e treinar capoeira. Não gosto de segundas-feiras e de bagunças.



GIOVANNA DE CASTRO COUTINHO

Me chamo Giovanna (com dois “n”). Me considero criativa e gosto de coisas que estimulem minha mente, como, por exemplo, livros, músicas, conversas...prezo muito pelas relações próximas que tenho, amigos, família e professores. Quero marcar as pessoas que passam pela minha vida e fazer com que elas lembrem de mim com carinho, e espero estar no caminho certo.



GUILHERME SILVA PEREIRA

Me chamo Guilherme, nasci em Itaim Paulista. Gosto de jogar “Free fire”, detesto estudar, mas me esforço. Meu sonho é ficar muito rico.



HENRY GONÇALVES SILVA

Me chamo Henry, tenho 15 anos e, antes de entrar no IFSP, era de uma escola religiosa e provida. Nasci no estado de São Paulo e gosto de música, comidas boas e dos meus amigos. Detesto o calor e o fato de a água ser paga. Quero me mudar para um lugar bem gelado com meu amigo Max. (E com água gratuita.)



IANDRA CARVALHO ROCHA

Me chamo Iandra, tenho 15 anos e nasci dia 29/01/2008 em Guarulhos-SP. Sou uma pessoa muito carinhosa e chorona (por mais bobo que seja o motivo, eu acabo chorando). Gosto de viajar, olhar paisagens, escutar música, animais, aprender coisas novas, abraços e coisinhas “bregas”. Me apego muito e por isso odeio despedidas. Reparo nos mínimos detalhes. Meus hobbies são: escrever textos, poemas, poesias e versos (a maioria sobre amor) e tirar fotos (do céu principalmente). Estudar no IFSP foi um sonho realizado. Quero fazer faculdade de química, física e biomedicina para ser perita criminal. Isso é apenas um pouco sobre mim.



JULLIA MOURA VAAMONDE

Meu nome é Jullia e estudo no IFSP desde 2023. Nasci na capital de São Paulo, eu adoro ler livros clássicos, também adoro jazz, sou uma pessoa animada e expressiva, não gosto de desordem e gritaria desnecessária. Apesar de gritar muito quando estou com meus amigos, o silêncio é minha melodia favorita. Meu sonho é tocar piano e fazer medicina.



JULIO SCARCELLI FERREIRA

Olá, sou Julio Scarcelli, tenho 15 anos, nasci em São Paulo. Estudo no IFSP desde 2023. Tenho amado estudar aqui, por mais que seja difícil. Não gosto muito do horário, acabo sempre chegando tarde...



KAIQUE ARAUJO DE OLIVEIRA

Meu nome é Kaique, sou estudante do Instituto Federal, vindo de uma escola pública. Trago comigo a humildade e um desejo insaciável de ajudar o próximo.



LAILA DOMINGUES SIMÕES

Me chamo Laila, nasci no dia 18 de setembro de 2006, em Guarulhos. Eu adoro ler, principalmente suspenses, e escutar música. Detesto educação física, mas sempre tento estar lá... Meu sonho é conhecer o máximo de lugares que eu puder e adotar um gato.



LORRAINE RAMALHO DE ALMEIDA

Me chamo Lorraine. Tenho 15 anos e nasci em São Paulo, Brasil. Adoro ler e tudo que envolva a natureza. Não gosto de capítulos longos (nos livros). Tenho uma meta que é saltar de paraquedas.



LUÍS FELIPE TORRES CUNHA

Me chamo Luís Felipe. Estudo no IFSP, comecei em 2023. Gosto muito de jogar bola. Nasci em Embu das Artes, São Paulo. Gostaria de ser engenheiro civil. E eu não gosto de gatos, mas amo cachorros.



LUÍS FERNANDO M. MONTEIRO NEVES

Me chamo Luís Fernando, nasci em 23/11/07. Sou mesa-tenista, tenista, empreendedor, personal shopper, e outros. Tenho duas pequenas empresas atualmente, e me interesso muito pelo mundo digital. Ser uma pessoa muito centrada pode parecer pouco sociável, mas amo conhecer coisas e pessoas novas. Por se tratar de uma minibio, não poderei falar muito sobre mim, mas me torno cada vez mais impressionante!



MANUELA MACHADO GUMBYS

Me chamo Manuela, tenho 15 anos, sou uma garota calma, educada, esforçada, muito bondosa e amo os animais. Ando de skate com meus amigos todo final de semana, gosto de assistir e jogar futebol, admiro e faço arte de rua (pixo e grafite), desenhar é um dos meus talentos e as músicas que mais gosto de ouvir são as do estilo rap, trap e samba antigo. Quando eu crescer quero trabalhar com animais ou energias renováveis, que é o curso que faço no Instituto Federal. Não acho que minha vida seja perfeita, mas eu sou feliz e dou muito valor a tudo que tenho. Agradeço pelos momentos incríveis que já vivi nessa Terra e quero continuar vivendo e sendo feliz.



MARCELLA REGINA CAMACHO PIMENTEL

Me chamo Marcella, tenho 16 anos e estou no primeiro ano no IFSP. Gosto muito de ler e escrever, redação no fundamental era minha aula favorita. Talvez tenha perdido a prática. Não sei o que quero pro meu futuro e também não estou com pressa, prefiro viver no presente (e um pouquinho no passado).



MARIA EDUARDA CAVALCANTI SANTOS

Me chamo Maria Eduarda, moro no centro de São Paulo e tenho 15 anos. Meu hobby é pintar as unhas. Vou mal na escola, mas gosto muito de estudar. Estudo no IFSP e nasci em São Paulo, capital.



MARIANA DE ANDRADE SILVA

Nasci em São Paulo, em 2008. Estudo no IFSP desde 2023. Adoro ler livros e cozinhar, mas detesto fazer educação física. Meu sonho é ter um gato. Tenho um cachorro que não suporta chegar perto de mim...



MAURÍCIO CARRIEL SOUZA DE OLIVEIRA

Me chamo Mauricio Carriel, tenho 15 anos. Nascido e crescido em São Paulo e desde jovem vidrado pela vida antiga, sabe... a vida do passado, nossos pais e avós. Minha paixão é tocar flauta na igreja, acho maravilhoso o som e a construção de cada instrumento. Eu sei tocar violão e flauta, mas quero aprender vários instrumentos ainda. Se existe algo que me irrita nesse mundo é a preguiça, quando eu fico com preguiça é como se eu jogasse no lixo o meu tempo.



MEL AIMI MIYAHSHIRO

Me chamo Mel. Nasci em São Paulo e tenho 16 anos. Gosto de desenhar em meu tempo livre. Não gosto de praticar esportes. Um sonho meu é viajar para fora do país e conhecer novos lugares.



PABLO CAWAN IZIDIO LEGUIZAMON

Meu nome é Pablo Cawan, tenho 15 anos, nasci na cidade de Suzano, uma cidade a aproximadamente 30 km do centro de São Paulo. Eu gosto muito de jogar eletrônicos e praticar esportes. No momento não almejo ou sonho com nada, pois já tenho a maioria das coisas que um dia eu já quis.



RAFAEL JOSÉ SILVEIRA MENDES

Me chamo Rafael, tenho 16 anos e gosto bastante de praia e, principalmente, de viajar. E tenho o sonho de morar fora do país.



RAÍSSA EDUARDA QUEIROZ MACIEL

Me chamo Raíssa, tenho 15 anos e estudo no IFSP. Tenho como hobby mexer na guitarra e violão. A música para mim é como terapia, então a maior parte do tempo estou com fones de ouvido. Acho que meu maior sonho é me sentir bem comigo mesma e ser feliz com quem eu sou, espero que isso se realize. Não gosto muito de locais cheios, sempre acho que estão me olhando torto ou julgando, então costumo evitar.



VICTÓRIA COELHO SIMÕES

Me chamo Victória Coelho, tenho 16 anos e moro no ABC Paulista. Me considero uma pessoa muito instável, consigo ser muito legal, mas também consigo ser insuportável. A coisa que mais gosto de fazer é ajudar as pessoas da maneira que posso e passar o tempo com meus amigos e família.



VICTÓRIA YUMI NISHIHARA

Me chamo Victória Yumi, tenho 16 anos, nasci em São Paulo, na região da Vila Mariana. Estudo no Instituto Federal de São Paulo, estou no primeiro ano do ensino médio e faço técnico em Energias Renováveis. Não gosto muito de estudar, mas eu adoro a disciplina de matemática. Eu gosto muito de praticar esportes. Durante a semana eu jogo futevôlei e handebol e aos finais de semana eu surfo no Guarujá. Moro com meus pais e tenho uma irmã que mora em Limeira e faz faculdade na Unicamp. Eu a vejo em alguns finais de semana.



YASMIN GOMES DIONÍZIO

Me chamo Yasmim, tenho 15 anos e sou de São Paulo. Desde que me lembro sempre fui uma pessoa muito criativa e cheia de ideias. Gosto bastante de desenhar. Sou bastante aleatória e extrovertida com as pessoas com quem eu tenho amizade.

COMISSÃO EDITORIAL



**VICTÓRIA COELHO SIMÕES
KAIQUE ARAUJO DE OLIVEIRA
TATIANA PICCARDI
GIOVANNA DE CASTRO COUTINHO
IANDRA CARVALHO ROCHA**

ILUSTRADORES

**LAILA DOMINGUES SIMÕES
LUÍS FERNANDO MASSONI MONTEIRO NEVES
MEL AIMI MIYASHIRO
MANUELA MACHADO GUMBYS
LUCAS LEMOS LEME**

PROJETO GRÁFICO

ELIANE PICCARDI